

12/7/1986

Brossard acusa grupos antidemocráticos

Ao afirmar, ontem, em Porto Alegre, que os conflitos ocorridos em Leme foram "obviamente provocados por determinados setores que se opõem abertamente ao convívio democrático, organizações tipicamente totalitárias, antidemocráticas, que trabalham com dedicação permanente às suas idéias, no sentido de obstar as composições pacíficas", o ministro da Justiça, Paulo Brossard, ressaltou que os piquetes "estavam assistidos por pró-homens do PT e da CUT", e salientou: "Nós estamos assistindo nitidamente à ação de determinados grupos que se opõem — já agora até por via armada, por processo violento — a acordos regulares celebrados, tendentes à composição de conflitos sociais".

Além de sua participação nos piquetes que provocaram os conflitos, os integrantes do PT tiveram outro envolvimento grave, acentuou o ministro, referindo-se ao automóvel da Assembléia Legislativa, "que estava com placa não da Assembléia, usado por pessoas do PT, com material do PT e da CUT". Essa é uma prova evidente, enfatizou Brossard, de que esses grupos "tipicamente totalitários" estão recorrendo agora até à "via armada" para impedir a solução pacífica e democrática das questões sociais.

Depois de comentar que o Brasil já conseguiu, num período relativamente curto, avanços muito grandes no sentido da transição democrática, embora o processo ainda não esteja completo, Paulo Brossard observou: "Esses resíduos de inconformados, que sempre existem ou sempre podem existir, e o recurso à violência, aos processos antidemocráticos, são reações justamente ao sucesso do progresso democrático. Não tivesse esse sido bem-sucedido, ou não vindo bem-sucedido, talvez não se explicassem essas reações, que são reações desesperadas, exacerbadas, de um radicalismo que atinge as raias da insânia".

"Âmbito estadual"

O incidente no Município de Leme foi classificado ontem pelo Palácio do Planalto como "um caso de segurança pública, afeto ao governo estadual", segundo o porta-voz Fernando César Mesquita. Ele comentou que o fato chegou ao conhecimento do presidente José Sarney através de um relatório interno do Serviço Nacional de Informações (SNI).

O porta-voz disse que o presidente não fez comentários sobre a participação de militantes do PT no episódio, algo que — disse Mesquita — "deve preocupar muito mais aos políticos do Congresso Nacional". Mesquita assegurou ainda que não há determinação, por parte do presidente, para que a Polícia Federal intervenha no caso. "O governo federal só entra nesse tipo de acontecimento com base na Constituição, e se for convidado. E isso é apenas uma hipótese." Disse ainda não haver orientação para aplicação da Lei de Segurança Nacional contra os envolvidos, "pois cada caso compete à Justiça decidir".

Pazzianotto

Apesar de insistir que só poderia posicionar-se sobre os aspectos trabalhistas relacionados aos incidentes registrados na cidade de Leme, o ministro Almir Pazzianotto, do Trabalho, disse, no final da noite de ontem, ao desembarcar em São Paulo, e confirmou esta declaração na delegacia do Ministério na Capital, que "em Guariba, no ano passado, tivemos acontecimentos muito semelhantes em violência aos ocorridos em Leme hoje (ontem). E por coincidência, os mesmos parlamentares que estavam em Leme agora estavam em Guariba em 1984".

Além de se referir aos deputados Djalma Bom, José Genoíno Neto e Anísio Batista, do Partido dos Trabalhadores, exemplos, em sua opinião de "pessoas estranhas ao movimento dos bóias-frias", mandou um recado — alegando estar falando de "uma certa central dos trabalhadores" — à Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Depois de considerar as duas mortes ocorridas em Leme "perdas absolutamente desnecessárias", Pazzianotto lembrou que, ao invés de violência, o que poderia e deveria ter ocorrido na cidade seria a denúncia de que um acordo trabalhista não estava sendo cumprido por alguns empresários do setor de cana.

De qualquer maneira, simpático à idéia de ressuscitar o acordo nacional proposto no início deste ano e duramente criticado pelos órgãos de representação dos trabalhadores, ressaltou que não é possível culpar os empresários que descumpriram o acordo trabalhista pelos incidentes registrados em Leme:

— A causa inicial parou greve dos bóias-frias seria este descumprimento. Mais eu creio que a violência não teria ocorrido se as coisas tivessem transcorrido dentro da normalidade, com a utilização dos recursos e normalmente utilizados nestas circunstâncias.

O ministro não estava ontem pretendendo viajar a Leme sob a argumentação de não querer "envolver o governo federal na apuração dos incidentes com a polícia", atribuição, segundo ele, do governo de São Paulo. Ele lembrou ainda que soube do conflito quando se preparava para receber o presidente José Sarney, que voltava de sua viagem à Itália, pela manhã.

Os dois foram discutir a situação no Palácio do Planalto e de lá, preocupado, Pazzianotto passou a realizar contratos com São Paulo, já plenamente convencido de que "o sacrifício de duas vidas humanas no movimento trabalhista é coisa para o século passado, não para os tempos atuais".

"Freguesia do Leme"

"Freguesia do Leme" foi a expressão usada pelo líder do PDS, deputado Amaral Neto, para definir os episódios ocorridos ontem. Ele sustentou que "perto da 'Freguesia do Leme' os acontecimentos da Freguesia do Ó, quando Maluf era governador, não significam nada, pois reagir a vaías com pancadaria pode não estar certo, mas atirar para matar em jovens e crianças é infinitamente mais grave".

Amaral Neto convidou o governador de São Paulo, Franco Montoro, o candidato do PMDB, Orestes Quércia, e o ministro Paulo Brossard, "que considera o aparato policial de São Paulo um exemplo para o Brasil", a se explicarem perante a sociedade e, sobretudo, "perante os boias-frias, os parentes das vítimas".

Já a liderança do PT' na Câmara dos Deputados divulgou ontem uma nota, afirmando que "para dissolver uma concentração de trabalhadores rurais em greve, a Polícia Militar assassinou duas pessoas e deixou cerca de dez feridos".

(Página 9)